This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

SA 58.35.5

Harvard College Library

THE GIFT OF

EDWIN VERNON MORGAN

(Class of 1890)

AMERICAN AMBASSADOR TO BRAZIL

CHRISTOVAM DE ARIZ

O Descobrimento do Brasil

pelos

Portuguezes

RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C.ª - Rua de Ouvidor, 69
LIVREIROS-EDITORES
1900

O
Descobrimento do Brasil

PELOS

Portuguezes

CAPISTRANO DE ABREU, João

O Descobrimento do Brasil

PELOS

Portuguezes

RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C.— Rua do Ouvidor, 66
CASAS FILIAES EM S. PAULO E RECIFE

1900

SA5835.6

HARVARD COLLEGE LIBRARY
GIFT OF
EDWIN VERNON MORGAN
OCT. 22, 1915.

Reproducção ampliada do *Jornal do Commercio*
de 3 de Maio de 1900

A Domicio da Gama, secretario da missão Rio Branco junto ao Governo Suisso.

Não lhe soffreu o coração, alma gentil, quedar-se longe da patria, seguir só de espirito, platonicamente, a commemoração do quarto centenario do descobrimento do Brasil.

Respondo como posso a esses intimos sentimentos, enfeixando sob seu nome, ligeiramente espanadas, estas folhas seccas.

Dispersava-as o Jornal do Commercio hontem, ás mesmas horas de sua acolheita passageira ao ninho natal.

Ad flumen GENABARA.

4. V. 00.

O
Descobrimento do Brasil
PELOS
Portuguezes

I

A viagem

A 8 de Março de 1500 notava-se grande alvoroço no Tejo. Era domingo. Estava a zarpar uma armada, a maior até então sahida de portos portuguezes, com destino á India. El-Rei quizera revestir o acto de toda solemnidade, e o povo associava-se unanime ao pensamento do seu Soberano.

Oito mezes antes chegára Vasco da Gama, dois annos, um mez e um dia depois da partida, trazendo pimenta, canella, gengibre, todas as especiarias do Oriente,

tão famosas, tão procuradas, tão raras, recebidas até alli só por meio de navios italianos, que iam buscal-as ao leque do Nilo, aos portos da Syria ou á costa do mar Negro e as revendiam aos consumidores europeus. Agora dispensavam-se Venezianos, Genovezes e Catalães, os grandes povos navegadores do Mediterraneo; desprezava-se o poderio incontrastavel do Soldão do Cairo senhor do Egypto e da Syria; eliminavam-se os enormes trajectos, as multiplas baldeações através de mares, desertos e serranias asiaticas. Os generos embarcados fariam toda a viagem exclusivamente por mar e levava-os a seu destino a mesma embarcação que os tomára na sua origem: uma era nova de esperança e confiança alvorecia nos espiritos.

A primeira expedição fizera-se em tres navios fortes, expressamente construidos para resistir ás ondas inclementes do cabo da Boa Esperança, porém pequenos; fôra antes viagem de reconhecimento, tentativa de exploração. Agora ia uma esquadra de doze navios possantes (afóra um de mantimentos), preparados para a paz, levando dinheiro para fazer compras, generos

diversos para instituir permuta, preparados para a guerra, com mil e duzentos a mil e quinhentos soldados, armamentos aperfeiçoados, artilharia superior a qualquer da época. A armada partia sob o signo da paz, mas levava todos os elementos para não recuar ante a guerra.

Por capitão-mór ia Pedr'alvares Cabral ou de Gouvêa, como apparece nomeado em sua carta de poderes [1]), filho de antiga e illustre familia, distincta por serviços prestados em descobrimentos e combates. Entre os capitães de navios estavam Bartholomeu Dias, o domador do cabo da Boa Esperança, e Nicoláo Coelho, o companheiro de D. Vasco na viagem anterior; entre os passageiros: Duarte Pacheco, descobridor de terras africanas e americanas, varão bravo e sabio; oito frades, um delles frei

---

[1]) A carta de poderes foi passada em Lisboa a 15 de Fevereiro. Por ella lhe eram dados todo o inteiro poder e alçada de que poderia usar inteiramente sem dos juizos e mandados haver appellação nem aggravo até morte, excepto para os capitães de navios e fidalgos. O documento está publicado em AYRES DE SA, *Frei Gonçalo Velho, 288-285*, Lisboa, 1899.

Henrique[2]), depois bispo de Ceuta, inquisidor que queimou em Olivença o primeiro Judeu ; Vaz de Caminha, simples escrivão de uma feitoria a estabelecer, perdido anonymamente na multidão brilhante, de que depois avultou com destaque sem par. Iam pilotos da India, e os melhores então existentes de Portugal, formados na escola de Guiné e do Cabo.

A 8 de Março, conclusos todos os aprestos, houve missa de pontifical. Junto ao altar esteve uma bandeira da Ordem de Christo. Depois da missa pregou D. Diogo de Ortiz, bispo de Ceuta, exalçando a empreza que se ia accommetter, e os felizes, tão notaveis por feitos anteriores ou pelas excellencias de sua prosapia, chamados a realizarem a grande obra.

---

[2]) Frei Henrique largara a toga de desembargador da casa da Supplicação em Lisboa e entrou noviço no convento Alemquer. Foi confessor de D. Manoel, depois bispo de Ceuta e inquisidor. Seus companheiros foram : frei Gaspar, frei Francisco da Cruz, frei Simão de Guimarães, frei Luiz de Salvador, todos quatro pregadores e excellentes lettrados, frei Maffeu, Sacerdote e organista, frei Pedro Netto, chorista de ordens sacras, frei João de Victoria, é pelo menos o que diz Fr. ANTONIO DA PIEDADE na *Chronica da Arrabida.*

Durante a missa e sermão, teve El-Rei sempre a seu lado, sob a cortina, a Pedr'-alvares. Consagrada a bandeira, entregou-lha; confiou-lhe um barrete bento pelo Papa, e dando-lhe a ilharga acompanhou-o com toda a côrte até o ponto de embarque, onde os expedicionarios lhe beijaram as mãos e se despediram. Não corria favoravel o vento: a partida foi adiada, e a festa popular, passeios pelo rio, toques de instrumentos, prolongaram-se o dia inteiro.

A 9 de Março sahiu a esquadra do Restello, já chamado Belém, como ainda hoje; sabbado 14, de oito ás nove horas, achava-se entre as Canarias, mais perto da Gran-Canaria, a vista della tres ou quatro leguas, todo o dia em calma; domingo 22, avistaram S. Nicoláo, do grupo de Cabo Verde; á noite seguinte para segunda-feira, perdeu-se da frota a náo de Vasco de Athayde, «sem hi haver tempo forte nem contrairo pera poder ser».

O rumo fôra até ahi SSW., SW. 1/4 S., S. 1/4 SE., approximadamente como se costumava ao ser escripto o *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco. Do archipelago para diante mudou. «D. Vasco da

Gama, escreve Gaspar Corrêa, fez conselho com os mestres e pilotos da navegação que fariam pera encurtar o caminho, que era cortar polo mar largo, tomando largos os ventos do mar, que corriam pera terra, com muito resguardo por dobrar o cabo de Boa Esperança, e de dentro delle fossem haver vista de terra, que bem conheciam os pilotos Mouros de Melinde [3]).

O Capitão-mór diligenciou pela nau esgarrada a umas e outras partes, e não a achando seguiu seu caminho por aquelle mar de longo [4]).

---

[3]) Lendas da India I, 149, Lisboa 1858.

[4]) A navegação de longo, usada desde Cabral, é assim descripta por Duarte Pacheco: Todo o navio que estiver no Cabo Verde e houver de ir pera a India, si lho vento servir a seu prazer deve fazer o caminho do sul seiscentas leguas, no fim das quaes, si verdadeiramente as tiver andadas, será em dezenove gráos de ladeza do circolo equinocial contra o polo antartico; e haverá da tal nau ao cabo da Boa Esperança oitocentas e cincoenta leguas. Do qual logar onde a tal nau estiver se deve fazer o caminho de Lessuest e por esta via irão fora do dito cabo quarenta leguas em mar delle, em termo das quaes estará em trinta e sete gráos de ladeza da mesma equinocial contra o polo antartico; e então lhe demorará o cabo da Boa Esperança ao Nordest e a quarta do Norte, pelo qual rumo se deve ir buscar. E o piloto que a tal nau mandar não deve fazer este caminho de Nordest e a quarta de Norte

A 21 de Abril, terça-feira de oitavas de Paschoa, avistaram hervas compridas chamadas botelho e rabo d'asno pelos mareantes: quarta-feira, aves chamadas furabuchos ainda mais denunciaram a imminencia da terra, que appareceu neste

---

menos de ser nos ditos trinta e sete gráos, como dito é, porque si em menos gráos estiver e fizer o dito caminho *tornará atras pera a costa de Guiné*, salvo sendo em trinta e cinco gráos da dita ladeza contra o polo antartico, e tambem lhe demorará o dito cabo da Boa Esperança em Lest, e será tanto avante como elle. Mas como for no logar acima dito, cumpre que faça o caminho do Nordest e da quarta de Norte e havendo vista do dito cabo correrá a costa de longuo, caminho do rio do Infante (Great Fish river, 30° 12 S)... e si quizerem alargar da terra quinze ou vinte leguas em mar bem o podem fazer, mas todo o que dito é se diz com cautela, servindo o vento á prazer dos mareantes, e quando for contrario a razão, o sizo e a pratica lhe ensignará o que se deve fazer.

« E na travessa deste golfom de Caboverde por diante se deve ter grande aviso e vigia de dia e de noite, porque nelle ha muito grandes troboadas que trazem comsigo maravilhosa força de vento; e compre que na hora em que virem algum relampago ou fuzil ou *bulcão negro*, amainem suas velas até passar a força do tal vento, porque, si isto non fizerem, cousa é que pode acontecer a nau em que topar se perder como já por mau recado se perderam outros. *Esmeraldo de situ orbis* 102-103, Lisboa 1892.

As duas frases grifadas não estão assim no original. Encobrem allusões claras á primeira viagem de Vasco da Gama e á de Cabral.

mesmo dia a horas de vesperas: primeiramente um grande monte, muito alto e redondo, depois outras terras mais baixas ao Sul delle e terra chan com grandes arvoredos. Chamou-se Paschoal o monte, em honra das festividades correntes.

« O monte Paschoal, escreve Hermenegildo Barbosa de Almeida, é um dos mais altos morros da provincia da Bahia; com bom tempo se distingue a mais de 60 milhas distante da costa; não era menor de 54 milhas a distancia em que me achava delle, demorando por 82 SO., e representava a configuração da ilha Redonda da barra do Rio de Janeiro, solitaria no horisonte; approximando-se mais 10 milhas descobrem-se outros morros ao Sul, porém mais pequenos e todos separados uns dos outros.»

A sonda accusou fundo de 25 braças. Ao sol posto ancoraram em 19 braças, distancia de 6 leguas da costa. No dia seguinte approximaram-se, indo adeante, sondando, os navios pequenos; lançaram ancora a distancia de meia legua, em direito á boca de um rio, hoje chamado do Frade, em lembrança de um que se afogou ao

passalo, nos primeiros annos da colonia: seriam 10 horas da manhã [5]).

Dos navios lançaram os bateis e esquifes fóra e vieram todos os commandantes á capitanea. A terra podia ser da India, e foi mandado a examinal-a Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama, naturalmente com o judeu Gaspar, que sabia a lingua arabiga e alguma da costa de Malabar, d'onde viera. Sahiram-lhe muito rijos ao encontro uns dezoito homens pardos, nús, armados de arco e flechas. A um signal de Nicolau Coelho, depuzeram as armas. Não poude com elles haver falas nem entendimento, por arrebentar muito o mar.

Coelho deu-lhes um barrete vermelho, uma carapuça de linho, que levava na cabeça, e um sombreiro preto. Em troca, um presenteou-o com um sombrero de pennas compridas de ave, com uma copesinha pequena de pennas vermelhas e pardas como de papagaio, outro com um ramal

---

5) As opiniões não concordam sobre qual seja este rio. Uns julgam-no o Cahy, outro o Caraiva-mimuam, outros o do Frade. Por esta ultima opinião manifesta-se Vidal de Oliveira Freitas em uma erudita memoria publicada recentemente na *Revista maritima brasileira*.

de continhas brancas, miudas, como de aljaveira (algibeira?)

Ventou á noite. Por conselho dos pilotos a armada levantou ancora e fez vela ás 8 horas da manhã de sexta, 24. Estavam juntos no rio uns sessenta ou setenta homens da terra: é sabido como entre a gente inculta, onde os generos não circulam, as noticias propagam-se com incrivel rapidez. Viajou-se para o Norte, os navios pequenos mais chegados á terra, os maiores seguindo de longo; tratava-se de achar alguma abrigada e bom pouso, onde podessem tomar agua e lenha. O Capitão-mór ordenou aos navios pequenos amainassem em achando pouso seguro. A dez leguas do rio deixado pela manhã encontrou-se um arrecife, com porto dentro muito bom e muito seguro. Entraram por elle os navios pequenos. Amainaram as naus ao sol posto, obra de uma legua do recife.

Affonso Lopes, piloto do Capitão-mór, foi em um esquife sondar o porto. Dalli levou, já noite, dois mancebos de bons corpos que andavam pescando em canôa. Um trazia arco e seis ou sete flechas.

A bordo puderam os navegantes examinal-os de perto: pardos, quasi avermelhados, bem feitos, de bons rostos e bons narizes, nús, beiços furados, trazendo inseridos ossos, cabellos corridos, tosqueados mais alto que escovinha, rapados até acima das orelhas. Um delles trazia atraz da fontainha, de fonte a fonte para detraz, uma maneira de cabelleira de pennas de ave muito basta e redonda, pegada nos cabellos penna por penna com uma confecção branda como cêra, de um covado de comprimento, que cobria o toutiço e as orelhas.

A impressão causada pelos indigenas foi maior que a por elles recebida. Não fizeram menção de cortezia nem de falar a ninguem; das comidas apresentadas provaram apenas, nem vinho nem agua lhes souberam; interessaram-nos objectos de ouro e prata e contas; reconheceram um papagaio e estranharam uma gallinha; deitaram-se de costas em uma alcatifa paradormir, e acommodaram-se bem com os coxins e mantos que lhes puzeram por cima.

Sabbado 25 pela manhã, demandou-se a entrada muito larga, alta de seis a sete

braças de ancoragem grande, formosa e segura, de capacidade para mais de duzentos navios e naus.

Os commandantes dos navios se encaminharam para bordo da capitanea. Com seus arcos e setas, camisas novas, carapuças vermelhas, rosarios de contas brancas de osso, cascaveis e campainhas, foram entregues os dois indigenas a Bartholomeu Dias, o conhecedor da costa da Africa e Nicolau Coelho, o navegador da India, para os levarem á terra. Apenas desembarcaram, os dois indigenas não pararam nem esperaram um pelo outro, cada qual corria mais; atravessaram um rio e foram a algumas moitas de palmas, onde estavam outros; mais tarde voltaram, já nús e sem carapuças.

Com Bartholomeu Dias e Nicolau Coelho desembarcaram Pero Vaz de Caminha, o perspicuo narrador destes feitos, e um degradado. Receberam a todos obra de duzentos homens armados, que a um signal depuzeram as armas. Começou-se a fazer aguada. Dos indigenas alguns traziam cheias cabaças, outros tomavam barris e os enchiam. Nicolau Coelho

distribuiu-lhes cascaveis e manilhas. Permutaram-se arcos e flechas por sombreros, carapuças de linho e cousas de menor valia. Alli não houve mais fala nem entendimento, por ninguem os entender nem ouvir.

Dos homens que andavam na praia quasi todos traziam bicos de ossos nos beiços e alguns tres, um no meio, dois nos cantos; outros preferiam espelhos de pau, como de borracha. Estavam nús; estes metade do corpo tinham da propria côr, metade tinto de preto, quasi azulado, outros pintavam-se em xadrez; usavam carapuças de pennas amarellas ou verdes. Um, já de idade, andava todo enfeitado e pegado de pennas como São Sebastião. Algumas moças no meio da multidão, em cabello, andavam igualmente nuas.

A' tarde sahio o Capitão-mór em seu batel ; imitáram-no os outros capitães ; folgou-se bastante pela bahia ao longo da praia; desembarcaram em um ilheu grande; brincou-se, pescou-se; ninguem foi á terra, onde aliás não se via gente.

Domingo 26, armou-se um esparavel na ilhota, levantou-se altar, cantou missa frei

Henrique: a missa foi de diacono e subdiacono, informa Damião de Góes, officiada com todos os frades, capellães de naus e sacerdotes que iam na armada e outras pessoas que entendiam de canto. Alli assistiu o Capitão-mór com a bandeira com que sahiu de Belém, a qual esteve sempre á parte do Evangelho. Terminada a missa, assentou-se a gente pela areia e frei Henrique prégou uma solemne e proveitosa prégação da historia do Evangelho «e em fim della tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se *com o signal da Cruz, sob cuja obediencia vimos.*» Desta prégação deve datar-se o nome de Vera-Cruz, mais tarde Santa Cruz, que o Brasil teve algum tempo nos documentos officiaes.

Depois da missa, passeou-se pela bahia, com a bandeira desfraldada, ao longo da terra, por onde estavam seus naturaes, antes de tornar para bordo. Mais tarde houve conselho do Capitão-mór e outros capitães; acordou-se mandar ao reino com a noticia o navio de mantimentos; provavelmente devia ficar a meio caminho, como antes ficara o de Duarte Pacheco na

viagem de Bartholomeu Dias e o de Bartholomeu Dias na viagem de Vasco da Gama. O piloto de Cabral nem o conta na armada e só se refere a elle quando trata de sua partida para Portugal [6]).

Depois do conselho foram á praia ver o rio, hoje identificado com o Mutary, ribeirão unico a desaguar no mar, desde a ponta de Santo Antonio em Santa-Cruz até o Buranhen em Porto-Seguro. Acharam-no de muitas aguas, debruado de palmeiras productoras de excellentes palmitos, pouco fundo, facilmente passavel por quem não tinha medo de molhar os pés; o Capitão-mór fez-se tomar ao collo de dois homens e passou-o. Andavam misturados alienigenas e indigenas, estes sempre esquivos, disparando a cada instante: «homem não lhes ousa de falar rijo por se não esquivarem e todo se passa como elles querem polos bem amansar».

Continuou o escambo de contas, arcos e flechas por sombreros, carapuças, qualquer cousa. Diogo Dias, que os vira folgando e dançando uns deante dos outros

---

6) *Raccolta Colombiana*, p. 3.ª, I, 83, 85, Roma 1892.

sem se tomarem as mãos, buscou um tocador de gaita, ensinou-os a dançarem tomando-se as mãos, deu depois, com grande gaudio de todos, muitas voltas e saltos reaes. Um degradado, afastando-se, viu suas casas, choupaninhas de ramos verdes e de feto muito grandes, como as de entre Douro e Minho. Caminha notou que não tinham senhor, não entendiam a proeminencia do Capitão-mór, nem disto tomavam conhecimento.

Este dia passado quasi todo no convivio entre as duas raças influiu no inimitavel narrador enthusiasmo pelo homem da natureza, de que teve ahi a intuição nitida. Notando sua esquivança, que roçava pela ingratidão (os dois homens tão bem tratados pelo Capitão-mór não lhe appareceram mais) conclue: «de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assi esquivos; elles, porém, comtudo andam muito bem curados e muito limpos, e naquillo me parece ainda mais que são como aves ou alimarias montezes que lhes faz o ar melhor penna e melhor cabello que ás mansas; porque os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão

fremosos que não póde mais ser, e isto me faz presumir que não tem casas nem moradas em que se acolham e o ar a que se criam os faz taes».

Tornaram para as naus a dormir já quasi noite, e, parece, Pero Vaz de Caminha começou a escrever a D. Manoel a carta que o immortalisou.

Segunda-feira 27, proseguiu o escambo, arcos, flechas, carapuças de pennas, araras vermelhas muito grandes e formosas, papagaios verdes menores, um panno de pennas de muitas côres. Víram uns ouriços de urucù semelhando castanhos, cheios de grãos pequenos de que se extrahia a tinta vermelha para pintar os corpos, tinta tanto mais vermelha quanto mais se molhava. Diogo Dias e dois degradados foram a uma aldeia distante legua e meia, e examinaram o povoado, composto de nove a dez casas palhaças iguaes em tamanho á nau capitanea, falhas de qualquer divisão interna, balisadas de esteios, de esteio a esteio redes altas de dormir, por baixo de cada rede fogo para aquecer. Em cada casa moravam trinta a quarenta pessoas, e tinham duas portas pequenas, uma em

cada cabo: os alienigenas comeram das viandas dos naturaes da terra: carás, aipim, milho, etc. Cortou-se o pau para uma cruz que se pretendia erigir.

Decidido mandar-se um emissario ao reino, desembarcaram Affonso Lopes, piloto do capitão-mór, Pero Escolar, piloto de Sancho de Toar, mestre Johannes bacharel, physico e cirurgião de S. A., para tomar a altura: encontraram 17° de latitude Sul, o que é approximadamente exacto. Sobre longitude não chegaram a accordo, nem ninguem se entendia então a tal respeito. Referindo-se aos graus de longura, que se contam de Oeste para Este e não tem ponto fixo e firme como os polos para os gráos de ladeza, Duarte Pacheco cinco ou seis annos mais tarde terminava seccamente: «nom curo de nisto mais falar».

Terça-feira 28, novo desembarque para fazer lenha e lavar roupa. Carpinteiros começaram a preparar a cruz e os indigenas tiveram pela primeira vez a visão da idade de ferro, os forasteiros o da idade de pedra em que aquelles estavam ainda: «cortam sua madeira e paus, informa

Caminha, com pedras feitas como cunhas mettídas em um páo, entre duas talas mui bem atadas».

Quarta-feira, 29, passou-se no despejo do navio de mantimentos e distribuição da carga pelos outros. Foram á terra Sancho de Toar, Diogo Dias, homem gracioso e de prazer, dois degradados. Dois dos naturaes da terra dormiram a bordo do navio de Sancho de Toar, que os mandou muito bem pensar e curar; comeram toda vianda que lhes deram, dormiram em camas de lençóes que lhes mandou fazer.

Quinta-feira, ultimo de Abril, ao desembarque do Capitão-mór estavam na praia quatrocentos a quatrocentos e cincoenta indigenas, naturalmente alguns das aldeias vizinhas, até onde a noticia já alastrara com a rapidez caracteristica dos povos naturaes; ajudaram a carregar lenha, bailaram e dançaram ao som dum tamboril; comeram e beberam do que lhes deram; de esquivos tornaram-se mettidiços. O Capitão-mór e companheiros ajoelhados beijaram a cruz para lhes mostrar o acatamento de que era digna; mandaram-lhes por signaes que fizessem o mesmo e obedeceram.

Caminha resume em poucas palavras todo o cabedal espiritual e material desta gente, com uma penetração maravilhosa: «não tem nem entendem em nem uma crença... Elles não lavram, nem criam, nem ha aqui boi, nem vacca nem cabra, nem ovelha, nem gallinha, nem outra nem uma alimaria que costumada seja ao viver dos homens; nem comem sinão deste inhame que aqui ha muito e desta semente e fructos, que a terra e as arvores de si lançam; e com isto andam taes, e tão rijos e tão nedios que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos.»

Sexta-feira 1º de Maio sahiu a gente com a bandeira de Christo. O Capitão-Mór indicou o lugar em que o cruzeiro devia ser chantado. Emquanto se apromptava, foram buscar a cruz em baixo do rio e trouxeram-na á maneira de procissão, com os frades e religiosos adeante cantando: devia ser enorme, pois alguns dos indigenas metteram-se por baixo para ajudar a carregal-a. Pregadas as armas reaes, chantou-se em logar bem visivel. Ao lado armou-se altar; frei Henrique celebrou missa; houve communhão. Os indigenas imitaram todos os movimentos dos Portuguezes.

Depois da missa, frei Henrique prégou. Era dia dos dois Apostolos Sant'Iago e São Philippe, e todo o sermão devia volver sobre o que foram os Apostolos, a missão a elles confiada: *docete omnes gentes*, o mundo que encontraram adverso e contra elles não prevaleceu, o triumphar do Evangelho. Um anhelo ardente de proselytismo exhala a carta de Caminha e acalora suas ultimas phrases. « Segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhe fallece outra cousa pera ser toda christã que entenderem-nos, por que assi tomavam aquillo que nos viam fazer como nós mesmos, por onde pareceu a todos que nem uma idolatria nem adoraçom tem: e bem creio que si Vossa Alteza aqui mandar quem mais antre elles de vagar ande, que logo serão todos tornados ao desejo de Vossa Alteza. E pera isso se alguem vier, não leixe logo de vir clerigo pera os baptisar... A innocencia desta gente é tal que a de Adão não seria mais quanta em vergonha Ora veja Vossa Alteza quem em tal innocencia vive ensinando-lhe o que pera sua salvação pertence, si se converterão ou não.»

Depois do sermão, frei Henrique sentou-se ao pé do cruzeiro e começou a distribuir cruzes de estanho, restantes das que Nicolau Coelho levara na primeira viagem á India. A cada indigena frei Henrique lançava a sua, atada em um fio ao pescoço, fazendo-lha beijar e levantar as mãos. Despedidos do cruzeiro que alli ficava para attestar a passagem dos navegantes e posse da terra tomada em nome de el-rei de Portugal, tornaram para bordo.

Alta noite, encerrando sua epistola a D. Manoel, exprime-se assim Vaz de Caminha:

« Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o Sul vimos até outra ponta que contra o Norte vem, de que nos deste porto houvemos vista, será tamanha que haverá nella vinte ou vinte e cinco leguas per costa; traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, dellas vermelhas e dellas brancas, e a terra per cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos; de ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito fremosa; pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não

podiamos ver sinão terras e arvoredos, que nos parecia mui longa terra. Nella até agora não podemos saber que haja ouro nem prata, nem nem-uma cousa de metal, nem de ferro, nem lho vimos; pero a terra em si é de muito bons ares, assi frios e temperados como os de antre Douro e Minho, porque neste tempo de agora assi os achavamos como os de lá; aguas são muitas, infindas; em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-a nella tudo per bem das aguas que tem; pero o melhor fructo que nella se póde fazer me parece que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ella deve lançar; e que hi não houvesse mais que ter aqui esta pousada pera esta navegação de Calecut abastara; quanto mais disposição para nella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber: accrescentamento da nossa Santa Fé. »

A 2 de Maio levantaram ancoras, a esquadra para Calecut, o navio de mantimentos para o reino. Desertaram dois grumetes da capitanea, talvez alguns dos outros navios. Foram deixados dois degradados, que ficaram chorando.

II

Questões connexas

Emquanto Pedr'alvares prosegue seu caminho de longo, ligeiramente ventilemos algumas questões connexas á historia do descobrimento.

Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros e Damião de Goes dão commandado por Luis Pires o navio que desgarrou á altura do Cabo-verde; Gaspar Corrêa chama Pero de Figueiró o commandante. Nem uma das duas opiniões serve. Caminha vinha na armada; em Porto-Seguro mais de uma vez foram os capitães a bordo da capitanea onde elle ia embarcado; com os capitães achou-se entre outras occasiões na missa a 26 de Abril, celebrada no ilheu da bahia; nem uma opinião póde contrabalançar a sua affirmação; por conseguinte

o navio desgarrado foi o de Vasco de Athayde.

Encaminha-nos isto á lista dos commandantes. Os tres primeiros historiadores apresentam nomes que não combinam com os do quarto. O erro inicial commum aos quatro vicia o testemunho de todos. Até que ponto? Impossivel decidir com os documentos agora conhecidos. E não se póde considerar tal uma estampa com treze navios reproduzida na bella edição *princeps* do *Esmeraldo* de Duarte Pacheco, publicada em 1892 pelo erudito Raphael Eduardo de Azevedo Basto. Aos conhecedores de historia da construcção naval golpeiam logo os anachronismos do velame e da mastreação; aos conhecedores dos processos da critica historica, o nome de Luis Pires em vez de Vasco de Athayde revela desde logo a contaminação de Castanheda, Barros e Damião de Goes. E uma nota a pag. VIII do prologo de Raphael Basto confirma a conclusão: a estampa foi tirada de um livro das armadas que alcança até 1566; não tem, pois, nada com Duarte Pacheco, nem com 1500: julguemo-nos felizes si fôr exacta na representação das náus de 1560.

Ha annos o Instituto Historico poz em discussão a these: si o descobrimento de nossa patria fora ou não devido a mero acaso. Um socio concluio pela negativa, e cobrou foros de extravagante e chuveram-lhe em cima as refutações. Hoje a idéa de Joaquim Norberto avassalla triumphantemente a maioria.

O illustre editor do *Esmeraldo* encontra provas da intencionalidade do acto nas seguintes palavras de Caminha escriptas a proposito do desapparecimento da nau de Vasco d'Athayde: e *assi seguimos nosso caminho por este mar de longo*. A estas palavras bem poderiamos oppôr outras do mesmo Caminha, quando adopta a idéa de Fr. Henrique de que o descobrimento foi milagre da bandeira de Belem, isto é: o que se póde imaginar de mais fortuito, por ser obra, não da humana, mas da divina vontade [1]. Mas voltando ás palavras citadas pelo erudito editor: si Cabral não ficou parado, si não tinha terra á vista, si não era elle só a navegar, de que outro modo

[1] Vejam-se as partes da carta de Caminha relativas a domingo 26 e quinta 30 de Abril.

podia exprimir-se Caminha sinão : *e assi seguimos nosso caminho por este mar de longo?*

A questão do acaso ou não acaso do descobrimento ficará mais clara formulada nos seguintes termos: si Cabral em vez das condições favoraveis de ventos e correntes, comprovadas pela rapidez da viagem, encontrasse ventos e correntes contrarios, insistiria na derrota que o trouxe á vista do monte Paschoal? Vasco da Gama insistiu na primeira viagem á India; Christovão Colombo insistiu na ultima á America. Cabral teria insistido?

A resposta nem é possivel, nem seria interessante; e afinal do descobrimento do Brasil o acaso ou não acaso é apenas um lado de outra questão mais vasta: como entre os Portuguezes de 1500 se imaginava a distribuição das terras e dos mares? O *Esmeraldo* de Duarte Pacheco, illustre companheiro de Pedr'alvares, apresenta a este respeito indicações preciosas e idéas precisas, que não eram sós delle, mas de Toscanelli, de Colombo, de Vespucci, de todos os sabios, antes de descoberto o oceano Pacifico por Balboa, circumnavegado o globo por Magalhães e seus

continuadores, e perlongada a costa occidental da Sul-America desde o estreito de Magalhães até Tehuantepec por Santiago de Guevara.

Sobre todos estes espiritos exerceram extraordinaria pressão as seguintes palavras de Esdras, livro IV, cap. 6:

« No terceiro dia mandaste as aguas ajuntar na SETIMA PARTE da terra, verdadeiramente as SEIS PARTES seccastes ».

« A augua, diz Duarte Pacheco, é posta na setima parte da terra, e as seis partes della som descobertas pera vida da natureza humana e dos outros animaes... O mar oceano non cerca a terra como Homero e outros autores disserom, mas antes a terra deve cercar o mar, pois jaz dentro na sua concavidade e centro, pelo qual concrudo que o mar oceano não é outra cousa sinon uma muito grande alagoa mettida dentro na concavidade da terra, e a mesma terra e o mar ambos juntamente fazem uma redondeza de cujo meio sahem muitos braços que entram pelas terras que medios terranos som chamados.

« A terra, insiste Duarte Pacheco, tem augua dentro em si, o mar non cerca

a terra, como Homero e outros autores disserom, mas antes a terra por sua grandeza tem cercadas e incultas todalas auguas dentro na sua concavidade e centro. E além do que dito é, a experiencia que é madre das cousas nos desengana e de toda duvida nos tira e, portanto, bem aventurado Principe, (dirigia-se a D. Manoel) temos sabido e visto como no terceiro anno do vosso reinado do anno de N. S. de 1498, donde nos V. A. mandou descobrir a parte oucidental, passando além a grandeza do mar ociano, onde é achada e navegada uma tão grande terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ella que se estende a satenta gráos de ladeza (?) da linha equinocial contra o polo artico e posto que seja assas fora (fria?) é grandemente povorada....

Este trecho, do qual apparece que Duarte Pacheco acompanhou talvez os Cortereaes, é menos importante que o seguinte, relativo ao descobrimento da costa do Brasil, em geral da America do Sul. Faz-se aqui esta observação banal para destacal-o do precedente como deve ser: unidos, tornam confusas as idéas do sabio.

« E do mesmo circulo equinocial, prosegue o autor do *Esmeraldo*, torna outra vez (a terra) e vai além em vinte e oito gráos e meio de ladeza contra o polo antartico e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura que de uma parte nem da outra nem foi visto nem sabido o fim e cabo della, pelo qual, segundo a ordem que leva, é certo que vai em cercoito por toda a redondeza. »

Resumindo: no globo terraqueo, o oceano é apenas um setimo, a terra a quasi totalidade. Cabral, encontrando ventos favoraveis, podia entregar-se a elles sem receio; por toda parte encontraria terra encastoando os mares; por toda parte estaria no caminho da India, por SW como por SE. Nada offereceria de imprevisto o descobrimento que realizou; nada conteria de inexplicavel a insistencia, si insistencia houvesse em procurar regiões apparentemente estranhas ás regiões que ia encarregado de buscar. Foi fortuito ou não o descobrimento? Não é questão historica; deve relegar-se para as minucias da biographia conjectural.

Resta agora estudar qual o ponto exacto, o porto seguro em que pojou a armada de Cabral.

O porto, qualquer que seja, tem de satisfazer ás seguintes condições tiradas da carta de Caminha: 1º, recife na entrada; 2º, entrada muito larga, de seis a sete braças de fundo; 3º, ancoragem capaz de duzentos navios e naus, de cinco e seis braças; 4º, rio de agua doce, passavel com agua pela braga, corrente ao carão, isto é, fronteiro e parallelo, da praia algum espaço antes de desembocar, mas formando depois uma curva tão pronunciada que, na quinta-feira, 30 de Abril, tendo-se mettido pelo arvoredo o Capitão-mór e companheiros e encontrado um rio, não tiveram certeza si era o mesmo da praia («foi o capitão com alguns de nós um pedaço por este arvoredo até uma ribeira grande e de muita agua, que *a nosso parecer* era esta mesma que vem ter á praia em que nós tomámos agua», escreve Caminha); 5º, ilheu grande, de muita areia e cascalho, que espraia muito a agua e de baixa-mar fica muito vasio; 6º, praia apaulada, com uma lagoa de agua doce.

Essas condições melhor que alhures se encontram reunidas na bahia Cabralia, no ilheu da Corôa vermelha e no riacho Mutary ou Itacumirim.

De estudos modernamente realisados por ordem do governo da Bahia póde apurar-se o seguinte:

Em 16° 15' S. abre-se uma bahia, limitada ao Norte pela ponta de Santo Antonio, ao Sul pela Corôa-Vermelha. Tem de comprimento 12964 metros, de largura 5556 metros. Fecham-na a Este cinco recifes, formando cinco entradas; excepto a mais septentrional, dão todas passagem a navios das maiores dimensões. Ayres de Casal, o primeiro que revelou a carta de Pero Vaz de Caminha e poude cotejala com as localidades, chamou-a a bahia Cabralia, em 1817, denominação que tem sido respeitada, e é a unica a lembrar aqui o nome do descobridor: antes chamava-se enseada de Coroa-Vermelha.

Em um dos recifes da barra, sobre uma rocha calcarea de cento e trinta e cinco metros de comprimento, está a Corôa Vermelha, ilhota de 55×19 m., formada de

areia grossa de côr amarella escura, sempre visivel na prea-mar.

Desde a ponta de Santo Antonio ao Norte até ao rio Buranhen ao Sul, no actual Porto-Seguro, o ribeirão Mutary, chamado tambem Itacumirim, é o unico a desembocar no mar. Tem largura média de cerca de cinco metros, corre em leito alto, no qual a aguada commodamente póde fazer-se porque a acção da maré cessa a pouca distancia da praia. A direcção é primeiramente SW, em suas cabeceiras, passa a Este, onde fica o Oceano, salta depois a Sueste e corre 719 metros parallelo ao mar, ao carão da praia. A foz compassa pelos quadrantes a inclinação para NE ou SW. A distancia que o separa do mar é em média de 25 metros e a ribeira constituida de cómoros de areia. O cruzeiro chantado por Cabral deve ficar num pequeno morro, onde o rio Mutary bruscamente muda de direcção [2]).

Não ha entretanto lagoa de agua doce; ha só tres lagoas de agua salgada ás

---

[2]) SALVADOR PIRES; Estudos sobre a bahia Cabralia e Vera-Cruz, Bahia, 1899.

vezes em communicação com o mar. Isto, porém, não estranhará quem sabe que das formas terrestres são lagos e lagoas as menos permanentes.

Desde que Ayres de Casal publicou-a em 1817, a carta de Pero Vaz de Caminha tem sido considerada a base de toda a historia do descobrimento de Pedr'alvares. O documento original existe, aos que o viram nem uma suspeita acudiu quanto ás circumstancias extrinsecas: lettra e papel são ambos do tempo. Ultimamente, porém, levantaram-se algumas duvidas a respeito de sua authenticidade. Duvidas aereas.

Si o documento fosse forjado, devia sel-o antes de 1508, data da publicação de Montabbodo e Madrignano, em que é narrada a viagem de Cabral por um piloto portuguez.

Si fosse forjado depois, o falsario teria para data do descobrimento 24 e não 22 de Abril, no intuito de pôr-se de accôrdo com o piloto; não teria esquecido um peixe de que falla o piloto «do tamanho de um tonel, mas mais comprido e todo redondo; a sua cabeça do feitio da de um porco, os olhos pequenos, sem dentes,

com as orelhas compridas, pela parte inferior do corpo tinha varios buracos, e a sua cauda era do tamanho de um braço; não tinha pés, a pelle era da grossura de um dedo, e a sua carne gorda e branca como a de um porco. » O unico peixe de que falla Caminha, é um modesto tubarão.

A carta devia ser, pois, forjada de 1500 a 1508. Que interesse podia offerecer a falsificação? porque attribuir a carta a Vaz de Caminha, funccionario de segunda ordem, antes que a um commandante de navio ou ao Capitão-mór? Si é por ter Caminha sido morto em Calecut, e assim não poder protestar, com a mesma razão podiam tel-a subscripta com o nome de Bartholomeu Dias ou qualquer dos outros capitães que a 24 de Maio foram tragados pelo Oceano inclemente.

Um escriptor argentino, cujo nome não occorre agora, duvida da authenticidade da carta a vista dos conhecimentos revelados a respeito dos Indios, que não podiam ter sido colhidos em tão poucos dias. Não tem razão.

A 26 de Abril resolveu-se em conselho mandar ao reino o navio de mantimentos:

só então Caminha podia começar a carta, certo de ter portador. O que até ahi diz dos Indios refere-se á nudez, ás pinturas, aos beiços perfurados, ás armas, aos adereços. Tudo isso exigia apenas algumas horas de attenção.

Segunda-feira elle falla nas casas e nas redes, porque Affonso Ribeiro e Diogo Dias foram bem uma legua e meia a uma povoação de casas, e viram sua fórma e as redes e o fogo que as aquecia.

Terça-feira falla nos machados de pedra, por informação dos homens que na vespera foram ás casas dos indigenas.

Quarta-feira conclue que não têm animais domesticos, porque lhos não viram; e pelo mesmo motivo conclue ser a terra uma ilha. Attento ao modo porque se portaram, concluiu que não tinham noção de hyerarchia, nem deviam ter qualquer culto. Note-se, porém, que os Portuguezes daquelle tempo, familiarisados com as singularidades da costa d'Africa, já iniciados na observação da costa de Malabar, conhecedores dos Indios encontrados por Colombo e Corte-real, deviam gozar de uma acuidade ethnographica rara,

exactamente por que as differenças golpeavam logo ao primeiro encontro. Admittir a falsificação da carta de Caminha, é presuppor um falsario genial, um ethnographo de primeira força, que descobriu os methodos e teve a intuição prophetica dos problemas que haviam de occupar a sciencia nos fins do seculo XIX.

A carta de Caminha será melhor comprehendida si inquirirmos o motivo que a dictou. O missivista evidentemente conhecia el-rei de Portugal, devia até certo ponto ser admittido entre seus familiares, pois de outro modo não se occuparia de certos minucias naturalistas e não as externaria em linguagem nada castigada.

O motivo que o levou a dirigir-se a S. A. salta das ultimas linhas. Um genro seu, Jorge de Soirio, estava degradado em S. Thomé; Caminha escreve para pedir seu perdão, e para dar mais força ao pedido enche a carta de todas as informações que, sabia, agradariam ao espirito real. « E pois que, Senhor, é certo que assi neste cargo que levo, como em outra qualquer cousa que de vosso serviço for, Vossa Alteza ha de ser de mim muito bem servida, a

ella peço que por me fazer singular mercê mande vir da ilha de São Thomé Jorge Desorio (d'Osorio? meu genro, o que della receberei em muita mercê.»

Para terminar: como se deve escrever o nome do paiz descoberto por Cabral?

No seculo XVI não houve duvidas a tal respeito: em todos os livros impressos em Portugal, que foi possivel examinar, escreveram invariavelmente Brasil. Brasil escrevia-se tambem nas outras linguas da Europa.

Em nosso seculo os amantes da cacographia, tomaram um regabofe escrevendo Brazil.

Allegou-se para isto que Brasil vinha de *verzino*, nome italiano do pau-brasil, — o que é falso, porque *verzino* é que vem de brasile ou bracir, como poderá facilmente verificar quem se quizer dar a este trabalho. Mesmo si fosse verdade, isto só fecharia a questão para os Italianos, e os Italianos tão pouco escrupulos tem de escrever Brasile, que Brazile é que não escrevem.

Allegou-se que Brasil vem de brasa e brasa, deve escrever-se com Z.

Que brasa deve escrever-se com S, demonstrou-o cabalmente o saudoso Alonso Adjuto, lente de grego do Gymnasio Nacional [3]); que *brasa* se escrevia correntemente póde ver quem gosta de ler os livros nas edições originaes; que só depois de ser implantada a cacographia se começou a escrever commummente *brasa,* é o que difficilmente padecerá duvida.

Ha quem enxerte sua cacographia no grego *brazein*, ferver [4]).

Qual a analogia entre *fervura* e *brasa*? Bondosamente responde, consultado, um illustre amigo, emerito professor de physica e chimica, Alvaro Joaquim de Oliveira:

«*Fervura* é o estado de ebullição de agua, de um liquido qualquer; isto é, o estado em que se acha um liquido quando passa

---

[3]) O consciencioso Manuel Said Ali, professor de allemão no Gymnasio Nacional e na Escola Militar, está preparando um diccionario orthographico de nossa lingua. A meu pedido examinou muito detidamente o ponto e resumiu-o: deve escrever-se *brasa, brisa, prosa, blusa.*

[4]) Veja BLUTEAU *Vocabulario,* II, 185/187. Bluteau escreve braza, mas Brasil para o nome de região, de madeira e da cor.

tumultuariamente ao estado de vapor, com formação de bolhas gazosas na massa do liquido.

« E' um phenomeno puramente physico, dependente da temperatura, tendo para a mesma pressão uma temperatura constante.

« *Brasa* — é o carvão incandescente, isto é, tornado luminoso pelo aquecimento. Significa tambem o proprio estado de incandescencia: é assim que se diz — ferro em brasa, para exprimir o estado do ferro aquecido até se tornar incandescente.

« O phenomeno, nos casos indicados, é chimico; porque o carvão e o ferro passam ao estado de oxydos combinando-se com o oxygenio do ar.

« Ora, que tem de commum esses phenomenos — *fervura* e *brasa*?

« Scientificamente, só isto: Elles são manifestações, physica ou chimica, da energia calorifica, acompanhados ambos de elevação de temperatura, incomparavelmente maior no segundo do que no primeiro caso. »

Não são de maior força os argumentos historicos.

As moedas brasileiras conservaram a graphia historica e legitima até introduzir-se o nickel. As estampilhas e sellos só ficaram gafados *ne varietur* depois de 1878. As sedulas antigas não tinham como hoje cacographia fixa. As leis antigas geralmente escreviam Brasil na edicção original, ao contrario das reimpressões e das leis modernas; isto a simples arbitrio dos revisores da Imprensa Nacional. Os autographos da Constituição de 24 de Fevereiro estão immunes, graças a dois constituintes guayanos, Leopoldo de Bulhões e Guimarães Natal, encarregados da revisão typographica definitiva, e educados na escola viril de S. Thomé.

Nem mais fundada é a allegação de uma ilha *Brazil*, figurada em mappas medievaes.

Konrad Kretschmer encontrou-a sob as seguintes variantes de 1351 a 1508: *Brazi*, *Braeir*, *Brasil*, *Brasill*, *Brazil*, *Brazile*, *Brazille*, *Brazill*, *Braeil*, *Braçil*, *Braçill*, *Bersill*, *Braxil*, *Braxili*, *Braxill*, *Braxyilli*, *Bresilge*.

« Já a diversidade de nomes, observa, patentea o vago do conceito da ilha; e ainda mais o confirma o facto de muitas das cartas trazerem não uma só ilha deste

nome, mas ás vezes duas e ás mais das vezes tres. Chama tambem reparo não se ter formado um typo particular para esta ilha, como se fez para Antillia e Satanaxio: ao contrario, ora é representada na forma de um circulo perfeitamente regular, o que nas cartas medievaes exprime sempre a acceitação hypothetica de uma ilha; ora em forma de meia lua. Apparece tambem como duas ilhas, separada a ilha circular por um canal no meio e dividida em dois segmentos semi-circulares.

« Já na carta de Pizigano (1367) encontramos trez ilhas *Braeir*, e desde então podemos observar a triplice inserção dellas tambem na maioria das cartas maritimas. A posição das mesmas é regularmente a seguinte: a mais meridional das ilhas encontramos assignalada no grupo dos Açores, approximadamente na latitude do cabo de São Vicente; a segunda demora a N W. do cabo de Finisterra, na latitude da Bretanha; a terceira a W e não muito longe da costa da Irlanda [5] ».

[5] K. KRETSCHMER, *Die Entdeckung Amerikas in ihrer Bedeutung fuer die Geschichte des Weltbildes*, 214/221. Berlin, 1892.

No bello livro do mesmo autor póde seguir-se a historia da ilha, cuja existencia foi primeiramente posta em duvida no Atlas de Jeffery em 1776. Della restam o monte do Brasil, junto á cidade de Angra, na Ilha Terceira, e Brasil Rock, baixio pelas cartas do almirantado inglez figurado seis gráos a W. da ponta meridional da Irlanda. Relações entre a ilha, una, dupla ou triplice e a terra do Brasil é o que não se logrará provar.

Desta longa excursão póde pois concluir-se que Brasil é a verdadeira graphia para quem consultar os documentos originaes e attender aos factos historicos e acatar o genio da lingua. Os que nada disto levam á conta continuarão a escrever a seu arbitrio.

E' o caso de imitar S. Paulo, dizendo: *Oportet et cacographos esse.*

III

Duas correntes historicas

A 2 de Maio, Pedr'alvares Cabral levantou ancora e foi beirando a costa, espaço de duas mil milhas [1]), isto é, quinhentas leguas, além de Porto Seguro, sem chegar a ver-lhe fim « pelo que, segundo a ordem que a terra leva, poderia dizer, na phrase de Duarte Pacheco, é certo que vai em cercoito por toda a redondeza ». Do ponto extremo alcançado, que não existem meios de determinar, fez rumo de SE., para o cabo da Boa Esperança. Subito, illuminou o céu muitas noites um cometa admiravel de longa cauda; succedeu-lhe um bulcão [2])

---

[1]) DOMENICO PISANI, Carta escripta de Lisbôa em 27 de Julho de 1501. apud *Raccolta Colombiana*, parte 3ª, I, 43/45 Roma, 1892.

[2]) Veja-se p. 13 nota a referencia de Duarte Pacheco a este bulcão.

que tudo enlutou, rebentou uma tempestade que dispersou a frota, subverteu quatro navios (o de Bartholomeu Dias, entre outros), extraviou um, e reduziu a seis a orgulhosa esquadra

Com elles proseguiu Cabral no seu caminho por aquelle mar de longo. De Moçambique, primeiro ponto da Africa, em que tocou, foi por Kilwa, Melinde e Anjedivas a Calecut, onde chegou a 13 de Setembro. Recebeu-o bem o Samorin, deu-lhe licença para estabelecer feitoria e carregar as náus. Tudo, porém, não passou de palavras. Os mercadores arabes atravessavam-se a quaesquer transacções, no intuito de deter os occidentaes até chegarem as poderosas náus do mar Vermelho, que esmagariam no nascedouro estes concurrentes temiveis; ao mesmo tempo espalhavam mil historias e calumnias, envenenavam o espirito da multidão. Resultado: o saque da feitoria, em 16 de Dezembro, com a morte de trinta e ferimento de vinte portuguezes. Entre os feridos contava-se frei Henrique; entre os mortos certamente Caminha, escrivão da feitoria.

Cabral não obteve nem uma explicação, nem uma satisfação do Samorin. Tomou-as pelas proprias mãos. Dez navios arabes fundeados apprehendeu, despojou, queimou ; dois dias a fio bombardeou Calecut. Depois em Cochim e Cananor, a convite dos respectivos Rajahs, abarrotou as náus de carga. A 16 de Janeiro de 1501 partiu de Cananor, em viagem de volta. Proximo a Melinde deu nuns baixos a nau de Sanches de Toar e foi incendiada; a artilheria aproveitou um regulo africano, e serviu depois contra seus antigos donos.

Dobrou o cabo da Boa Esperança em Paschoa Florida, 19 de Abril. Tomou cabo Verde ; em Bezeguiche encontrou uma esquadrilha de tres navios, mandada a explorar a terra descoberta por elle. Em um dos navios estava Amerígo Vespucci, florentino, a principio mercador, depois, impellido pelo enthusiasmo dos descobrimentos, navegador e cosmographo.

Nem um ponto do globo reunia tantos conhecimentos das terras occidentaes como aquelle obscuro porto africano neste encontro. Os Portuguezes, nos dias que as frotas fraternisaram, podiam informar desde

70º (?) de latitude Norte sobre as regiões frias, povoadas, inçadas de ilhas, prolongando-se para o Cancer. Os Hespanhoes, representados em Vespucci, formado em sua escola, podiam contar desde o cabo de Santa Maria de la Consolacion em 8º S., passando pelas praias arenosas de N. E. até um rio sem par, capaz de adoçar as aguas oceanicas, seguindo a cortar a Equinocial por costas alagadas, cobertas de mangues, e defrontando ilhas, ilhas, ilhas sem conta até o fim das terras tropicaes. Cuba seria uma ilha? Colombo fizera jural-a continente, sob graves castigos, mas quem sabe? Ao Norte de Porto Seguro, informaram novamente os Portuguezes, já instruidos pelo emissario que Pedr'alvares mandara ao reino com a noticia do descoberto, estendia-se a costa, arenosa aqui, malhada além de barreiras vermelhas, até o cabo de Santa Maria de la Consolacion. Ao Sul de Porto Seguro, rematava Cabral, insurgiam-se costas altas roçagantes de verdura, recortando caprichosas, banhando-se no mar; duas mil milhas não esgotavam a variedade de suas fórmas e a riqueza de seus perfis.

Que concluir de tantas informações, agora approximadas pela primeira vez? A contiguidade das terras Arcticas, das Antilhas hespanholas, da terra dos Papagaios — assim quizeram primeiro chamar a que finalmente chama-se Brasil. Esta idéa já era vulgar em Lisboa, por Outubro, e Humboldt considera-a uma adivinhação surprehendente [8]).

E para Oeste destas regiões que haveria? Terras, sempre terras, o complemento dos seis setimos de Esdras. De que outro modo poderia explicar-se a formação de rios tão possantes como o que dessalgava o mar junto ao Equador, como o rio de cujas margens Colombo julgou vizinho o paraiso terreal?

Achavam-se em frente dois homens, um que devia dar o nome a este mesmo continente, de peripheria agora gizada pela primeira vez, não descoberto por elle; outro commandante da mais poderosa

---

8) PIETRO PASQUALIGO, carta á senhoria de Veneza, descoberta por Leopoldo von Ranke, noticiada por Humboldt, *Examen critique de l'histoire de la geographie du nouveau continent*, IV, 262, só publicada em HARRISSE *Les Corte-Real*, 209/210, Paris, 1883.

armada jámais sahida de sua patria, embaixador de um rei, senhor de vida e morte de seus subordinados, descobridor de uma terra que seculos passou esquecida de acatar sua memoria. Encarnavam ambos duas correntes historicas diversas, que agora trataremos de circumscrever a breves linhas.

Os Portuguezes, simples pescadores até o seculo XIII, começaram a constituir marinha mercante no seculo XIV, tendo por mestres Genovezes, o grande povo navegador do mar Tyrrheno. A marinha cresceu sadia e mostrou seu valor brilhantemente em 1415, na tomada de Ceuta, sob o reinado de D. João I. Seu filho, o infante D. Henrique, teve a intuição que o futuro da patria estava nos mares, e com o prestigio que lhe dava a gerarchia, com os recursos abundantes da ordem de Christo de seu mestrado, para o oceano desconhecido volveu todas as cuidações.

Em 1420 foram descobertas, ou antes redescobertas as ilhas da Madeira e Porto Santo, — tão difficil era então um como outro. Em 1422 começou o Infante a preoccupar-se com o continente visinho, onde

fôra tingir suas esporas de cavalleiro no sangue maldito dos crentes de Islão, os inimigos hereditarios da Christandade. Até onde alastrava a seita malvada de Mafoma? além da testada littoranea haveria povos não contagiados, alliados possiveis contra elles? até onde alcançavam aquellas terras? era habitavel a zona torrida? Os problemas enxameavam; o anno de 1422 marca o principio da luta contra elles.

Doze annos passaram estereis; mas em 1434 Gil Eannes dobrou o cabo Bojador [4])

[4]) Este cabo do Bojador é muito perigoso por causa de uma muito grande restinga de pedra que delle sae ao mar mais de quatro ou cinco leguas, na qual se já perderom alguns navios por mau aviso, e este cabo é muito baixo e todo coberto de areia e tem o fundo tão apracelado que está homem em dez braços e non vê a terra pela sua baixeza, e a costa que vem do cabo de Nam pera o Bojador toda é muito baixa e areia ao longo do mar, e quasi deserta, e o cabo do Bojador se aparta em ladeza do circulo equinocial contra o polo arctico 27.° 10'; e certamente cousa é para reprender os cavalleiros criados do infante D. Anrique, que elle mandou por capitães de seus navios descobrir este cabo do Bojador, e assi os mariantes que com elles iam nom ousarem passar além, porque doze annos continuadamente foram enviados cada anno pelo infante a este descobrimento e como eram acerca do Bojador e achavam o fundo baixo que em tres braças d'augua estavam uma legua de terra, e espantando-se das

e fusilou o primeiro clarão sobre os mysterios do mar Tenebroso. Remancha um crepusculo de onze annos ; subito rompe a aurora em 1445, com o descobrimento do cabo Verde, por Diniz Dias e Lançarote de Freytas. Verdura na zona torrida, vida, gente numerosa, proximo dos Tropicos, exactamente onde os philosophos affirmam ser maior o calor, por menor o prazo entre a passagem do sol do Norte para o hemispherio sul ? Então os antigos podem errar ? ha cousas a elles ignotas ? o cyclo do saber não está fechado a sete sellos ? Todas estas sensações novas e rejuvenescentes vibram adoravelmente arrogantes nas paginas de Diogo Gomes e Duarte Pacheco.

« A experiencia nos faz viver sem engano das abusões e fabulas que alguns dos antigos cosmographos escreveram acerca da descrição da terra e do mar, os quaes

---

grandes correntes nem um ousava de se alargar ao mar e passar alem deste pracel, e então se tornavam a costa de Berberia e de Graada, onde andavam d'armada pera tomarem algumas prezas com que forrassem a despeza da armação. DUARTE PACHECO, *Esmeraldo de situ orbis*, 38/39.

disserom que toda a terra que jaz debaixo do circulo da equinocial era inhabitavel pola grande quentura do sol e isto achamos falso e pelo contrario porque adiante do rio do Guabom... é achado um pròmontorio baixo e delgado a que em nossa lingua o cabo de Lopo Gonçalves chamamos... e este cabo de Lopo Gonçalves pontualmente jaz debaixo do circulo da Equinocial e nesta terra ha muita habitação de gente, os quaes som negros que em nem uma parte do mundo pode mais haver.

« ... Eu digo que, com quanto elles (escriptores antigos) souberom daquellas partes, que a melhor parte do saber de tantas regiões e provincias ficou pera nós e nós lhe levamos a virgindade ; porque em todo o Universal da Ethiopia, de Guiné e India muito particularmente soubemos e sabemos quasi todas as suas cousas... e nestas cousas a nossa nação dos Portuguezes precedeu a todolos antigos e modernos em tanta cantidade que sem represão podemos dizer que elles em nosso respeito nom souberam nada [5])

---

[5]) *Esmeraldo de situ orbis*, 77, 78, 82 Cf 99.

Antes do cabo Verde, um grande rio, o Senegal, evidentemente um braço do Nilo [6]), refina as idéas informes do Infante: si póde chegar-se ao Nilo por este braço, póde chegar-se ao Egypto pelo Nilo, e póde chegar-se á India pelo Egypto.

A India, desde a victoria do hellenismo, expedia seus productos peregrinos e preciosos aos povos do Mediterraneo, pelo golpho Arabico e Nilo, pelo golfo Persico e Euphrates-Tigre. As chaves deste commercio, o mais importante da época, andaram pelas mãos dos Seleucidas e dos Lagidas, duas dynastias hellenicas do Egypto e da Syria, até apossarem-se dellas os Romanos que tudo absorveram e abarcaram. Com a divisão do imperio romano, passaram ao imperio grego: a apparição do Islão desencadeou entre Christãos e Sarracenos luta continua e tremenda, não

---

6) Este rio mandou descobrir o virtuoso infante D. Anrique por Deniz Dias, cavalheiro criado delrei D. João seu padre, e por Lançarote de Freytas, seus cavalheiros e capitães, e quando este rio de Canaguá foi descoberto e novamente sabido disso o Infante que este era o braço do Nilo que corre pela Ethiopia contra Ocidente, e disse verdade. *Esmeraldo*, 45.

acirrada menos pelo insaciavel da avidez e dos interesses que pelo inconciliavel dos dogmas e ritos.

As cruzadas simularam triumpho passageiro da Christandade, mas o Crescente venceu; o Egypto organisou-se pujante, conquistou a Syria; Venezianos, Genovezes, Catalães tinham de curvar-se a todas as suas exigencias, e o Egypto tornou-se o poder mais terrivel do tempo. Chamar a si o commercio da India era sangrar de morte o Islão; conduzir esta nova cruzada fundia todas as aspirações christãs do Infante com seus instinctos mercantis.

Pelo Senegal não se chegou ao Nilo, mas as expedições exploradoras não foram sustadas. Ao morrer, em 1460, D. Henrique deixou revelada a Africa até á serra Leôa; no reinado de D. Affonso V cruzou-se o Equador para o Sul; ao esforço de D. João II foi depois cortado o tropico antarctico. Em 1487, Bartholomeu Dias trouxe a nova de ter alcançado o extremo do continente e ter visto além o lito arrumar-se para Norte e Nordeste. Um cabo então descoberto, Bartholomeu Dias baptisou Tormentoso, D. João II chrismou da Boa Esperança.

« Nom sem muita razão se poz nome a este promontorio cabo da Boa Esperança porque Bartholomeu Dias, que o descobrio por mandado de el-rei D. João... vendo que esta costa e ribeira do mar voltava dali em diante ao Norte e ao Nordest, cuja rota fazia caminho da Ethiopia sob Egypto e dali pera o sino arabico, onde se mostrava e se esperava haver-se de descobrir a India, por esta causa lhe poz nome cabo de Boa Esperança [7]).

O descobrimento do caminho maritimo da India pedio porém mais tempo: só em 1497 foi mandado Vasco da Gama, a tental-o, e chegara em 1499 desempenhando estrondamente a commissão. Cabral voltava agora de repetil-a. No meio da viagem, seduzido pelos feitiços do céo e pelos afagos do vento, dera em terras por que não esperava. Até ali deitara a primeira corrente.

A segunda corrente historica vinha tambem de longe.

Desde a antiguidade classica considerava-se um só os mares que rodeavam a terra habitada, a Oikumene; julgava-se

---

[7]) DUARTE PACHECO, *Esmeraldo*, 90.

pequena a distancia maritima entre a Europa occidental e a Asia oriental, e este espaço pequeno encurtava-se ainda mais inserindo ilhas como estações intermedias; prolongava-se extraordinariamente para Este a Asia, até quasi ás costas da California de nossas cartas actuaes.

Seres chamavam-se os moradores do extremo Oriente, productores de um estofo precioso, a seda, que por caminhos desvairados chegava ás gentes do Mediterraneo. Este commercio fazia-se irregularmente por intermediarios multiplos, atravez de montanhas e desertos, no meio de nomades avidos e insubmissos. Contra os nomades do Norte, os Hiung-nu, ergueram os productores da seda grande muralha, uma das maravilhas do mundo, rematada ha mais de dous mil annos; contra os nomades do Poente fizeram guerras que de conquista em conquista os levaram ás margens do lago Caspio. Chegavam ao mesmo tempo as conquistas romanas á Mesopotamia : um instante entraram em contacto os portadores da civilisação do extremo Oriente e do extremo Occidente, e o commercio se regularisou. Ptolomeu

transmittio-nos o itinerario de um mercador macedonio que foi a Sera metropolis.

Os acontecimentos da Europa obrigaram os Romanos a retirar-se da Asia; os Seres tiveram de abrigar-se por traz de suas muralhas; conquistaram-nos os Khitai, tribu dos Hiung-nu, e a terra ficou chamando-se Cathayo, nome ainda hoje empregado na Russia para designal-a.

Interrompeu-se o trafego continental; a seda e congeneres só alcançaram o Occidente por via maritima, em navios gregos arabes, chinezes. Por via maritima propagou-se tambem o nome Sina ou Thina, donde procede China. O primeiro a demonstrar a identidade de China e Cathayo [8]) foi um jesuita portuguez, Bento de Góes, em principios do seculo XVII.

No seculo XIII os Mongóes fundaram um imperio que conquistou Cathayo e pela Europa alastrou até o Vistula. A unidade

---

[8]) DIOGO DO COUTO, continuador de João de Barros, ainda punha em duvida a identificação entre Cathayo e China. *Decada* XII, livro V, cap. VII. Diogo do Couto morreu em Goa a 10 de Dezembro de 1615.

do dominio em tão vasta extensão facilitou as viagens de um a outro extremo; a politica tolerante dos Kaans tataros favoreceu-as, o interesse commercial, o desejo de ver novas terras amiudaram-nas. Dos viajantes o mais notavel, Marco Polo, Veneto, ditou um livro narrativo de suas peregrinações, das culturas e opulencia daquellas gentes, de Cathayo e Cypango, que espalhou-se rapido e foi traduzido em todas as linguas da Europa. Pegolotti escreveu um itinerario para quem quizesse ir do Don a Pekim. Este trato cessou bruscamente com a quéda da dynastia de Dgenghis-Kaanidas.

« Desde a antiguidade até á éra moderna escreve o genial Peschel, o commercio asiatico promoveu uma corrente de metaes preciosos do Poente para o Nascente. As terras orientaes offereciam ás do Occidente magnificos productos naturaes; especiarias, incenso, drogas, madeiras de luxo, perolas e pedras preciosas, sem que entre os habitantes dos tropicos se externasse qualquer cobiça mais viva pelos artefactos da Europa. Assim fechado o balanço ficava sempre o Occidente em debito, obrigado a

remessas incessantes de ouro e prata para a India, remessa tanto mais pesada quanto os generos orientaes, graças aos fretes elevados, ás vendas e revendas multiplas, graças, sobretudo, aos direitos elevados pagos no Egypto, encareciam extraordinariamente: em Alexandria as especiarias da India pagavam-se o triplo de Calecut, o incenso o quintuplo do preço corrente em Mekka. Estes precalços commerciaes eram bem-conhecidos no Occidente, e tão pouco faltava a comprehensão de que em trato immediato as boas cousas do Oriente por pouco se grangeariam.

« A somma consideravel que nestas condições passava annualmente da Europa á Alexandria, só em parte muito pequena podia ser reparada pela mineração indigena dos seculos XIV e XV, e assim anno por anno em nosso continente o stock monetario ia baixando além do nivel dos séculos anteriores. O sugamento de metaes preciosos na Europa annuncia-se no seculo XV pela rapida desvalorisação de todos os generos indigenas levados ás feiras ou expostos no mercado, de modo que a necessidade de ligações directas com o

Oriente foi avultando cada anno, e a invenção de novos caminhos para alli tornou-se problema mercantil, cuja solução não admittia mais delongas [9]).

A primeira tentativa de achar novos caminhos para o Oriente apparece em Genova com Tedisio d'Oria, Guido e Hugulino de Vivaldi, em 1291. Passam-se tempos sem noticia de outras, até os Portuguezes entrarem em campo, a partir de 1420.

No reinado de D. Affonso V debateu-se si, muito mais conveniente que andar tacteando pela costa africana, acaso não seria cortar de longo pelo golfão a Cathay. Duarte Pacheco explica-nos o motivo de não ser preferido este plano, de cujos fundamentos e efficacia aliás ninguem duvidava.

Ouçamos ainda mais uma vez o autor do *Esmeraldo* : « muitas opiniões houve nestes Reinos de Portugal nos tempos passados antre alguns lettrados acerca do descobrimento das Ethiopias, de Guiné e das Indias, porque uns diziam que nom curassem de descobrir ao longo da costa do

---

9) PESCHEL, *Geschichte des Zeitalter der Entdeckungen*, 21/23).

mar, e que melhor seria irem pelo pego, atravessando o golfão até topar em alguma terra da India ou vizinha della e por esta via se encurtaria o caminho; outros disseram que melhor seria descobrir ao longo da terra, sabendo pouco e pouco o que nella ia, e assi suas rotas e conhecenças, e cada provincia de que gente era pera verdadeiramente saberem o lugar em que estavam, por onde podiam ser certos da terra que iam buscar, porque de outra guisa nom podiam saber a região em que estavam.»

Assi entre a procura da India *ao longo* da costa, e a procura pelo golfão *de longo*, decidiram considerações de conveniencia, e, accrescentemos, principalmente a imperfeição no methodo de determinar longitudes ou longuras. A sciencia do tempo era antes a favor da navegação *do longo*, e desde a antiguidade se reputava empreza facil esta, por um mesmo mar julgar-se o que banha a Europa e a Africa a Oeste e a Asia a Este. Ao contrario no caminho escolhido *ao longo* da costa, os Portuguezes tropeçavam na idéa de Ptolomeu que estendia a Africa até o polo antartico

para aferrolhar bem o mar das Indias, tropeçavam na doutrina das zonas, venerando legado da sciencia antiga, que proclamava inhabitavel a zona torrida.

O genovez Christovão Colombo, convencido das vantagens da travessia directa e desenganado de encontrar apoio em Portugal, passou á Hespanha e soube ganhar á sua causa protectores poderosos. Em 1492 conseguiu uma armada de tres navios e fazendo rumo de Oeste chegou a ilhas, — terras de Cathay, ilhas de Cypango, acreditou até morrer. Em 1493, fez nova viagem, mais ao Sul que a primeira, outra em 1498 ainda mais ao Sul que a segunda, e descobrio o continente e o Orenoco, e o paraiso terrestre, e o ponto mais elevado da terra, não esphera, como até alli se reputara, mas uma pêra.

Depois da terceira viagem de Colombo a corôa hespanhola deu licença a particulares para descobrir terras, e, caso notavel Niño, Bastida, Hojeda, Pinzon, Diego de Lepe, procuraram todos o Sul: o cabo de Santo Agostinho marcava o ponto de parada dos descobrimentos meridionaes dos espanhóes no anno de 1501.

Nas praticas de Cabral e Vespucci occorria naturalmente a interrogação: onde termina o continente ao Sul e a Oeste? Chegar ás terras do Sul procuravam os Portuguezes por meio daquella mesma armada de tres navios que estava pojada em Bezeguiche. No anno de 1505 já sabiam que o finis terræ demorava além do 28° 1/2. Em 1513/1514 uma armada de D. Nuno Manuel, que descobrio o rio da Prata, julgou encontral-o nas terras das pelles aos 40°. Em 1520 encontrou-o effectivamente Magalhães além dos 50°, no estreito que leva seu nome. Ainda vivia Cabral, já não se contava entre os vivos Amerigo Vespucci.

Do véo que encobria o continente a Oeste levantou a ponta Vasco Nunes de Balboa, quando em 1513 descobrio o mar do Sul, o oceano Pacifico. Em 1526 Santiago de Guevara, companheiro de frei Garcia de Loaisa, atravessou o estreito de Magalhães, e desde sua boca occidental foi de longo a Tehuantepec: verificou-se então que o continente não se estendia para o Occidente tanto quanto se esperava.

Continente que não era nem Europa, nem Asia, nem Africa devia tambem ter nome differente. Obscuro geographo allemão, estabelecido em recanto escondido do Wasgau, propoz denominarem-no America ou Amerige, porque Amerigo Vespucci o descobrira, o que é falso, e porque este nome seria feminino, como os de Europa, Asia, o que é galante [10]).

Falsidade e galanteria favoneou a imprensa, e propagou-as e perpetuou-as. Por força dellas, temos o nome de Americanos.

---

[10]) Talvez a interpetração dada acima não seja de todo exacta. Talvez o pensamento melhor ficasse declarado disendo: Europa, Asia e Africa, tres partes do mundo, tem nome de mulheres; vamos dar agora á quarta o nome de um homem.

Na duvida aqui vai o trecho extrahido do exemplar da Bibliotheca Nacional.

Nunc vero et hec partes sunt latius lustratæ & alia quarta pars per Americum Vesputium (ut in sequentibus audietur) inuenta est quã non video cur quis iure vetet ab Americo inuentore sagacis ingenii viro Amerigen quasi Americi terrãm siue Americam dicendã: cum & Europa & Asia a mulieribus sua sortita sint nomina.

INDICE

I A viagem..... 7
II Questões connexas..... 31
III Duas correntes historicas..... 51

[illegible]

[illegible]

HISTORIA GERAL DO BRASIL

Edição do Centenario

REVISTA E ANNOTADA

POR

Capistrano de Abreu

[illegible]

[illegible]

[illegible]

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.